



MUNICIPIO DE ALMADA

Assembleia Municipal

EDITAL

Nº 09/X-3º/2011-12

(A Alves Redol e Manuel da Fonseca no centenário dos seus nascimentos)

EU, JOSÉ MANUEL MAIA NUNES DE ALMEIDA, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

Torno público que na Primeira Reunião da Sessão Ordinária referente ao mês de Dezembro de 2011 da Assembleia Municipal de Almada, realizada no dia 15 de Dezembro de 2011, a Assembleia Municipal aprovou a seguinte Moção/Saudação:

MOÇÃO/SAUDAÇÃO

Assinala-se ao longo de 2011, através de um conjunto amplo de iniciativas, o centenário do nascimento de dois nomes maiores da literatura e da cultura portuguesas: Manuel da Fonseca (15.Outubro.1911 – 11.Março.1993) e Alves Redol (29.Dezembro.1911 – 29.Novembro.1969).

Personalidades diversas entre si, o que matizou estilos personalizados de expressão literária, muito de comum e partilhado deve assinalar-se ao evocar estas duas grandes figuras das letras e da intervenção cívica portuguesas.

Ambos filhos do Povo, autodidactas, tornados intelectuais pela produção das respectivas obras, fundadores do neo-realismo literário português, ambos construtores de percursos de grande coerência na intervenção política, social e cultural, ambos lutadores anti-fascistas de primeira linha e militantes activos do Partido Comunista Português, desde o início dos anos quarenta até ao fim das suas vidas. Ambos elevaram a voz dos explorados e oprimidos e devolveram ao Povo obras que testemunham a profunda relação dialéctica entre a vida e a criação literária, como deliberada e intencionalmente sempre cultivaram. Em ambos, a obra literária produzida se constituiu como poderoso factor da luta anti-fascista.



MUNICIPIO DE ALMADA

Assembleia Municipal

EDITAL

Nº 09

De “Gaibéus” (1939), romance fundador do neo-realismo literário português, diz o próprio Alves Redol que “...nasceu quando muitos morriam por nós (...) foi consciência alertada antes de ser romance (...) quer ser antes de tudo um documentário humano”. Trata-se de uma obra inovadora na forma e no conteúdo: trouxe para a literatura os problemas dos trabalhadores explorados e oprimidos, neste caso os ceifeiros das lezírias do Tejo, “desse povo da borda de água” a que Redol dizia pertencer. Inaugura uma literatura como forma de intervenção social, não a escrita de obra meramente ficcionada, mas o traço vivo da realidade social e das vivências experienciadas. Este novo modo de olhar o real transporta consigo a pluralidade das vozes, o herói como sujeito colectivo, que a espaços se individualiza, exprimindo-se aqui no corpo do rancho de homens e mulheres que buscam o sustento em condições de exploração extrema e cuja situação todos sentem nas “gargantas secas e famintas” e de que alguns vão assumindo consciência mais profunda. Seco e duro também na forma, antecipando na novelística portuguesa um processo narrativo austero e sóbrio.

Estas características, que imprimem a matriz estrutural da estética neo-realista, inovando relativamente ao realismo social, são indissociáveis da vivência concreta e do conhecimento das gentes e dos problemas dos grupos sociais sobre os quais escreve e são moldadas pelos compromissos assumidos por Alves Redol, expressos e aprendidos na sua intervenção social e política. Inserido no movimento associativo e cultural de Vila Franca de Xira, organiza conferências e palestras, é alfabetizador, dá aulas de aperfeiçoamento profissional a operários da construção civil. Empenha-se na resistência anti-fascista, mantém colaboração literária e ensaística nos jornais “O Diabo” e “Sol Nascente”, adere ao PCP no início dos anos quarenta, participando activamente na organização das greves operárias de 1943/44, assume



MUNICIPIO DE ALMADA

Assembleia Municipal

EDITAL

Nº 09

um papel de relevo no contexto da intervenção dos intelectuais antifascistas ao lado dos oprimidos, é dirigente do M.U.D. (Movimento de Unidade Democrática), em 1945. Foi preso pela polícia política em 1944 e 1963, sendo o primeiro (e durante algum tempo o único) escritor português obrigado a submeter os seus textos originais à comissão de censura prévia.

Quando morre aos 58 anos de idade, Alves Redol deixara uma profunda, extensa e coerente produção literária de trinta e quatro títulos nas áreas do romance, conto, dramaturgia, literatura infantil e juvenil e no ensaio, de que sobressai como obra-prima reconhecida pela crítica “Barranco de Cegos” (1961). Trazendo personagens e temas até então ignorados pela literatura, da Nazaré, Douro ou Lisboa, mas acima de tudo e com raízes mais profundas, do Ribatejo, a obra de Alves Redol conquista êxito junto de novos e mais vastos públicos, granjeando enorme prestígio nacional e internacional.

Manuel da Fonseca, embora nos tenha trazido também a Lisboa dos anos sessenta, é, por excelência, o grande escritor do Alentejo. Na sua obra, o protagonista é o povo alentejano que sofre e luta, que trabalha de sol a sol, que enfrenta o desemprego, as praças de jorna, a miséria, a repressão brutal, as prisões, a morte.

Tal como Alves Redol no romance, Manuel da Fonseca é fundador da poesia neo-realista, com as obras Rosa dos Ventos (1940) e Planície (1941, publicada e inserida no movimento “Novo Cancioneiro”), dando, neste campo, aprofundadas coerência, qualidade e espessura literária à ideologia neo-realista, concretizada aqui pelo centrar da temática social, dando voz aos que nunca a tiveram e usando um estilo de oralidade intencionalmente decorrente das tradições maioritariamente populares.



MUNICIPIO DE ALMADA

Assembleia Municipal

EDITAL

Nº 09

Nos seus romances, de que sobressaem Cerromaior (1943) e Seara de Vento (1958) retratam-se a crueza da exploração dos camponeses pelos latifundiários e a ruína dos pequenos proprietários da terra, a pobreza, a fome, as tensões sócio-económicas e familiares, o alcoolismo, a violência doméstica, o analfabetismo, em suma o enclausuramento asfixiante na interminável planície que nega horizontes de vida. Na crueza dessa conflitualidade, emergem personagens cuja espessura humana muito deve a um autor que ama a vida e a verdade, tem um fino sentido de humor e é talentoso contador de histórias.

Tal como em Alves Redol, a sua obra de poeta, romancista, contista e cronista deve ser compreendida à luz de um percurso de intelectual comprometido com as lutas do seu tempo que quis que fossem também as suas. Militante comunista desde o início dos anos quarenta, Manuel da Fonseca, sempre se manteve activo na resistência ao fascismo e na luta pela liberdade, concretizando a profunda relação entre a vida e a obra literária. Entre muitas outras referências, assinala-se que era Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores quando, em 1964, esta atribuiu o prémio literário a Luandino Vieira, foi preso pela polícia política, juntamente com outros dirigentes da SPA, então encerrada. Após o 25 de Abril e até à sua morte, ocorrida em 1993, manteve o mesmo registo de coerência na intervenção pública.

Pela grandeza da obra literária, pela absoluta contemporaneidade da indignada revolta que nos toma, ao revisitarmos nos seus textos a denúncia da exploração e da opressão, pelos percursos construídos rumo à dignidade da condição humana – que habitam a literatura desde a tragédia grega – e que aqui e agora continuam a interpelar-nos de forma agudíssima, a Assembleia Municipal de Almada, reunida em plenário, em 15 de Dezembro de 2011, saúda e



MUNICIPIO DE ALMADA

Assembleia Municipal

EDITAL

Nº 09

associa-se às comemorações, assinalando a importância da obra e o exemplo de vida de Alves Redol e Manuel da Fonseca.

POR SER VERDADE SE PUBLICA O PRESENTE «EDITAL» QUE VAI POR MIM ASSINADO E IRÁ SER AFIXADO NOS LUGARES DO ESTILO DESTE CONCELHO.

Almada, em 16 de Dezembro de 2011

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

(JOSÉ MANUEL MAIA NUNES DE ALMEIDA)